

MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA

Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Série: “Mundo na sala de aula”

A minha casa é muito engraçada: tem antropólogo e é ocupada

Publicado: 16/08/2020

Legenda:

Blocos

Sonoplastia

Extras

Trechos diversos

ABERTURA

Música de abertura: “Quem canta” (instrumental, ritmo alegre e descontraído, trazendo sentimento de leveza)

Hugo: Oi pessoal... Calma! Calma! Vocês estão no podcast certo, o Mundaréu! Meu nome é Hugo Virgílio e eu sou aluno de Antropologia da Universidade Federal Fluminense, em Niterói, no Rio de Janeiro.

Luísa: E eu sou a Luísa, aluna de Antropologia também, pela Universidade de Brasília!

Hugo: Hoje eu estou aqui no Mundaréu a convite das professoras Soraya e Daniela e junto com a Luísa vamos propor um programa um pouquinho diferente...

Luísa: É isso mesmo, pessoal. O Mundaréu foi pensado desde o início como um projeto de formação de estudantes, afinal, esse podcast também é feito *para* nós e, agora, também feito *por* nós. Então, conheçam a partir de hoje a temporada que chamamos de “Mundo na sala de aula”.

Hugo: Esse ano conheci as professoras Soraya e Dani quando vim estudar na UnB através de um programa de mobilidade acadêmica, um tipo de intercâmbio entre universidades federais, e apresentei a elas o tema da minha monografia. A minha pesquisa dialoga muito com o sexto episódio do Mundaréu, quando Taniele e Henrique foram convidados.

Luísa: Nesse episódio, a Taniele e o Henrique contaram sobre a interação entre o pesquisador-interlocutor, de como as relações de confiança, dependência, parceria e amizade se constroem durante o trabalho de campo da antropóloga. Talvez vocês ainda estejam se perguntando: “tá, mas o que o Hugo tem a ver com isso?”. Bora ouvir?

BLOCO 1: Isca para antropólogos: uma grande mudança urbana

Trecho de notícia jornalística de jornais do Rio (10 segundos): Com essa promessa de grandes empresas, multinacionais, com prédio sendo construídos ai, hotéis. Eu achei que nossa senhora agora todo mundo vai ficar bem né, empregado, pertinho de casa.

Hugo: Em 2011 foi assinado o contrato que criava o Consórcio Porto Maravilha, responsável pelas grandes reformas na zona portuária e central do Rio de Janeiro. Essas reformas tiveram objetivo de, supostamente, melhorar a cidade para os grandes eventos que aconteceriam nos próximos anos.

Manchetes de jornais do Rio (10 segundos): A notícia do dia é a chegada do papa Francisco ao Brasil. Momentos de fé e muita emoção marcaram os primeiros momentos do pontífice no país.

Hugo: Em 2013, o Rio de Janeiro sedia a Jornada Mundial da Juventude e a Copa das Confederações.

Manchetes de jornais do Rio (10 segundos): Funcionários que trabalham nas obras do Porto Maravilha estão em greve há 3 dias. Cerca de 3500 operários de vários setores da construção civil estão parados.

Hugo: Em 2014, a Copa do Mundo também acontece na cidade.

Manchetes de jornais do Rio (10 segundos): Um dos momentos mais importantes da história do Rio de Janeiro havia chegado. Rio de Janeiro (aplausos e comemorações)

Hugo: E aí, em 2016, as Olimpíadas também chegaram ao Rio fluminense. Naquela época, meus pais que são autônomos, estavam passando por um monte de dificuldades, eu tava estudando pro vestibular e eu nem sonhava em fazer antropologia ainda. (risos)

Dona Sônia: Como o aluguel foi ficando muito caro eu não conseguia mais, eu e minha família não conseguíamos mais pagar o aluguel e como eu já tinha sido militante quando era mais nova, aí eu fiquei sabendo da ocupação e consegui participar e facilitar a vida da minha família sem tá pagando aluguel por que com o preço alto do aluguel eu usaria o dinheiro do aluguel pra comprar a própria comida mesmo.

Seu Paulo: O momento de maior preocupação foi quando a gente entrou dentro do, do prédio, como o prédio tava fechado já há mais de 15 anos, encontramos muito lixo e, assim, aí os companheiros naquela tensão de o que íamos encontrar ali dentro do prédio, então a gente ficou naquela tensão né.

Hugo: É... a minha mãe e meu pai eles né toparam entrar na ocupação, se mudar pra uma ocupação, meu pai foi um dos primeiros a... a entrar lá no prédio que só tinha uma televisão ligada na época, não tinha vigilante e nem nada. O prédio ele tava abandonado há mais de 15 anos, é um prédio do INSS, que era um antigo hotel que foi pego pra pagar uma dívida. É... e o prédio ficou abandonado esse tempo todo então alguns movimentos de moradia resolveram se reunir e... e fazer essa ocupação é... pra fazer uma pressão, pra poder direcionar esse prédio pra moradia popular né. Tanta gente sem casa, é... e tanto espaço vazio. Principalmente ali, na Zona Portuária do Rio de Janeiro né. É... e aí eles entraram a noite, e no dia seguinte já tinha um monte de polícia lá, mas eles já tinham isso em mente, né, já estavam preparados. Tinha esse apoio político dos movimentos sociais, é... e eu não fui com eles, mas meus pais ficaram preocupados né de eu ir com eles e tals, mas eu combinei com minha mãe de deixar o número de alguém. Falei, ah, deixa o número de alguém aí que vai que acontece alguma coisa, cês são presos ou sei lá (risos). Eu tinha uns 17 anos. É... Logo depois, passou um tempo né, eu me mudei pra ocupação é.. quando tudo tava mais estabilizado, tinha um processo judicial correndo também, pra gente, é... ter o direito de tá ali no prédio, os espaços estavam bem divididos né é.. e também tinha mais essa novidade que era a de uma pesquisa antropológica que tava rolando. Na época minha mãe até comentou né como é que “a gente tava chique”, que tinham é.. estrangeiros querendo conviver ali com a gente e fazer uma pesquisa do que a gente tava vivendo, daquele

momento ali, daquela militância política. A minha mãe achava o máximo porque ela sempre incentivou o estudo e a curiosidade na gente, no meu irmão e eu né.

Luísa: Ai, Hugo, que massa! Eu lembro que cê tinha comentado também desse contexto de mudanças urbanas lá no Rio e como tudo isso chamou atenção de cientistas sociais nacionais e internacionais. Aquela coisa né de muitos pesquisadores e equipes de pesquisa virem pra cá conhecer as diversas mobilizações por habitação na região central do Rio de Janeiro.

Hugo: É... no caso do prédio onde eu e a minha família morava né, veio um grupo de sete pesquisadores para acompanhar o cotidiano é.. de quatro diferentes modalidades de moradia: condomínio do programa Minha Casa, Minha Vida; ocupação com apoio e movimento, ocupação sem apoio de movimento coisa e tal... Ou seja, a gente começou a conviver muito com antropólogo, e... como a gente era todo mundo ali meio militante né então todo mundo acabava se conhecendo entre as ocupações e tal, a gente tava naquele meio né. E.. muito influenciado né por esse contato com esses pesquisadores, eu decidi justamente ingressar no curso de antropologia da UFF (Universidade Federal Fluminense). É.. a UFF fica em Niterói, é uma distância de uns 30min e tem até a famosa né ponte Rio-Niterói né, todo mundo conhece.(risos) Então primeiro, eu me tornei interlocutor de uma pesquisa junto com os meus pais. Depois, eu me tornei estudante de antropologia e pesquisador. Hoje eu tenho como interlocutores justamente esses mesmos pesquisadores que nos pesquisaram. É.. o objetivo da minha pesquisa é refletir justamente sobre os efeitos da presença desses antropólogos no cotidiano dos seus interlocutores. Eu meio que invertei a lógica, digamos.

BLOCO 2: Tem Antropólogos na minha casa

Música de transição: Quilombo, favela, rua (Mano Teko, rap)

“Hoje o Quilombo vem dizer
Favela vem dizer
A Rua vem dizer
que é NÓS por NÓS
Papo reto, nosso
vou te passar a visão
já que a real
não se vê na televisão
Essa mídia tem um lado
ser porta voz do Estado”

Luísa: Então, agora que a gente conheceu um pouco do Hugo e da história da família dele, bora ver como tudo isso se relaciona com a história do Henrique, do sexto episódio do Mundaréu. O Henrique Gomes nasceu na Paraíba e veio ainda criança morar no Rio. Nos últimos 30 anos, ele mora no Complexo da Maré, uma das maiores favelas da cidade. Hoje, ele trabalha na Redes da Maré, uma ONG importante da região. E... são várias coisas, né, Hugo?! semelhantes ao que você viveu, inclusive, cê trouxe aqui pra gente alguns trechos da entrevista para ajudar a pensar sobre diferentes práticas de pesquisa na Antropologia.

HUGO: O objetivo da minha pesquisa em si não é pensar os megaeventos e nem seus impactos urbanos e coisa e tal, mas não tem como a gente não reparar né, não. não, a gente refutar os efeitos deles no Rio de Janeiro e no Brasil e como que isso reconfigurou uma série de coisas né, desde os movimentos de moradia lá no centro do Rio até ao que tava acontecendo lá na periferia, como no Complexo da Maré né, por exemplo. Muitas dessas pesquisas elas estavam interessadas em lugares vulnerabilizados ou marginalizados. Pra quem é de fora, seriam lugares de bandidos, desocupados,

esquerdistas, vagabundos, drogados e tantas outras coisas, né? A gente que tá acostumado com esses rótulos, pode achar estranho quando chega um gringo querendo fazer pesquisa com a gente né. O Henrique lembrou de como foi participar de tanta pesquisa que chegava ali na Maré. Vamos ouvir:

Som de fita

Henrique: eu não sabia que aquele conhecimento de fato era uma coisa tão importante, assim. Então, a partir daquele momento eu comecei a ter uma percepção diferente do meu lugar e comecei a construir isso ali. [...] Então eu cheguei mais ou menos umas 30, 33, 30, 35 participações em pesquisas de outras pessoas, né, mas ao mesmo tempo, é... entendendo que... é, enfim, que lugar era esse, então, pesquisa pra quem? porque esses pesquisadores tavam indo pra favela? Por que falar de favela?

Som de fita

Hugo: Assim como o Henrique, eu questionava muito isso né. Quando eu entrei pro curso de antropologia principalmente eu me perguntava toda hora se aqueles pesquisadores que estavam ali, sentados na minha cama quando eu chegava do pré-vestibular, que tavam entrevistando a minha mãe, que saia com a gente pro bar, almoçava lá em casa, era era tudo sincero ou era pra coletar dados né.como o Henrique fala. Quando a gente fala né nos autores clássicos, nos pais fundadores da antropologia e no surgimento da disciplina, sempre a gente esbarra né, nessas questões de colonização, de espionagem, do “branco salvador”, de uma tentativa de hierarquias raciais e tantas outras problemáticas que hoje a gente critica e tenta rever constantemente. Na.. nas primeiras disciplinas do curso eu via muito isso, sabe? Essas questões do antropólogo que infantiliza os seus nativos e eu mesmo passei muito tempo vigiando é... aqueles pesquisadores que estavam ali no meu cotidiano pra ver a forma como eles estavam trabalhando, o que tava acontecendo ali, sabe? Será que as conversas, as brincadeiras, as bebidas, tudo ali era sincero ou uma forma de “comprar” a gente, né?.. A nossa simpatia..Foi uma coisa que eu conversei muito com uma professora no início do curso, a Lucía. Aliás, ela é, hoje, ela é minha orientadora, um beijo Lucía!

Luísa: Nossa sim! E que importante também você ter uma orientadora como a Lucía, né. Eu queria saber o que que ela te sugeriu sobre tudo isso?

Hugo: Eu ficava sempre me questionando né sobre a sinceridade, a criação de vínculos, de amizade com os pesquisadores. Aí, eu nunca esqueço, a Lucía né, ela me perguntou, ela é argentina né, ela me perguntou com um sotaque carregado né: “Mas por que una cosa exclui a otra?”(risos). E, realmente né, porque que a gente não pode ser amigo e ao mesmo tempo contribuir pra pesquisa deles, né?! Eu fiquei muito com isso na cabeça, eu conversava muito com os meus pais, é.. a minha mãe falou que via a presença deles ali como um incentivo a educação. Muita gente voltou a estudar depois da ocupação, inclusive isso chamou atenção dos pesquisadores, eu, eu não sei se tem a ver né, mas eu acho que é possível, porque..(risos) olha onde eu to né, eu mesmo sou o exemplo (risos). [...] Eu costumo dizer que era como descobrir o segredo de um mágico, sabe?

Luísa: (risos) E.. por que você fala de magia?

Música: som que se remete à magia

Hugo: Ah, eu digo isso porque, bom, eu estudava né na faculdade e chegava em casa, a teoria que eu via na aula, ela tava sendo praticada na minha casa. Então (risos), eu criei uma desconfiança muito grande né, eu me perguntava o que levava um professor universitário americano - que tem uma condição de vida estável, uma casa própria, segurança - sair lá de longe e vir pra outro país morar num

prédio do qual a gente poderia ser despejado a qualquer momento? Que tava no meio né, e no processo judicial que podia pegar pra ele né, pro Frank, imagina se ele não, não.. poderia ser até deportado ali, eu ficava gente, esse pessoal é meio doido assim, antropólogo!

Luísa: Nossa... E Hugo, conta pra gente quem é o Frank?

Hugo: O Frank é um dos sete antropólogos que frequentou a minha casa e tantas outras né por mais ou menos uns 4 anos né e até hoje eles tão lá. Mas, é isso né, é muito doido se a gente parar pra pensar, né?! E mesmo que nossos temas de pesquisa sejam a coisa mais importantes pra gente e que faça todo sentido pra nós pesquisadores, pros nossos interlocutores tudo isso pode não ser tão simples, ou pode não estar tão claro. Eu vivi isso enquanto interlocutor, e eu percebo isso agora como pesquisador. E é uma das coisas que eu tento levantar também na minha pesquisa, como é que foi pra esses pesquisadores conseguir entrar nessa moradia, nessa pesquisa, né?! Nas ocupações... Ainda mais num contexto tão grande que a gente tá de criminalização dos movimentos sociais, né.

Luísa: Nossa! Isso me lembra muito sobre a criação de vínculo entre pesquisadores e interlocutores e o Henrique e a Taniele trazem comentários legais sobre isso, ó só:

Som de fita

Henrique: Eu acho que foi uma situação um pouco diferente, porque a pessoa que colocou a gente em contato, em contato, foi uma pessoa que é referência pra mim, né que é a Eliana, então, então já parte de uma pessoa que eu confio então entendia que isso tinha de fato um, enfim, eu poderia-eu poderia manter esse contato por conta dessa mediação, de quem foi.

Taniele: Mas na minha leitura eu acho que a nossa relação se aproximou mesmo depois que a gente foi pra essa cena de uso pela primeira vez. [...] a gente foi ali de manhã e a gente conversou com uma mulher, que nos [...]. E conversando, né, com essa senhora, eu falei "olha, a senhora não precisa me falar nada agora, eu sou de São Paulo, eu vou vir muito mais vezes e tal...". Então eu deixei claro que não havia uma pressa, né, no sentido de quais dados eu colheria naquele momento [...] eu lembro claramente as coisas que o Henrique me falou, que ele tinha gostado do jeito que eu tinha conversado com aquela senhora. Uma porque eu não usava nenhuma palavra que a 'infantilizasse' e outra porque eu não ficava prestando atenção nos olhos dela só pra fazer de conta que eu tava prestando atenção.

Henrique: Eu acho que a pesquisa com, com a Taniele teve um outro foco porque a maioria dessas pesquisas eram de pouco tempo, né, era uma relação muito "ah, vou ali colher os dados e vou embora". Eu acho que a relação com, com a pesquisa com a Taniele [...], era uma relação tipo de... era de longa duração, era um processo de construção, é... longo, né? então tinha que ter uma parceria, tinha que ter uma criação de vínculo de fato com o espaço. [...] Como eu posso usar isso a favor da favela?..

Música: Quilombo, Favela, Rua (Mano Teko, rap)

"É chegado a hora
os divergentes se juntar
partimos pro caô
não há quem possa segurar
O problema não é meu, nem seu
é nosso, não sabia?!
punhos cortando o ar
mostram não somos minoria"

Hugo: Eu achei essas falas do Henrique e da Taniele muito legais e dizem muito sobre a imersão em campo né. Dois interlocutores meus, a Meryl e o Frank, eles chegaram lá na ocupação mais ou menos na mesma época, em 2016, A Meryl veio do Canadá pra poder fazer um filme, ela conseguiu um financiamento lá e veio. Ela entrou no dia da ocupação, que, no dia que eles arrombaram o portão né e coisa e tal, a gente tem isso filmado por ela.

Áudio: vídeo do momento da entrada pra ocupação do prédio.

Hugo: A Meryl ela foi uma pessoa muito importante no início e a presença dela lá intimidava um pouco a polícia nos primeiros dias da ocupação porque ela tava com equipamento grande, câmera grande e filmando tudo né. E aí Aos poucos, quando a poeira foi baixando e a gente estabilizando mais no espaço, as organizações internas da ocupação se formando e coisa e tal, a Meryl começou a ter barrado o seu trabalho né pra filmar. As pessoas queriam saber de onde ela vinha, quanto ela recebia, pra quem ela trabalhava, o que ela queria, onde ela ia mostrar o filme e essas coisas. Quem levou a Meryl pra lá foi um líder de movimento sociais lá de moradia muito articulado, mas ele não tava sempre lá, né?! É.. e aí a Meryl tinha pouco tempo, como eu já falei, e também os recursos dela eram poucos e curtos né, o tempo e o dinheiro. Ela não conseguiu fazer o filme dela lá, teve que arrumar outro campo de última hora e mas ela conseguiu fazer um filme fantástico, aliás.

Luísa: É, pensando no que o Henrique e a Taniele falaram, foi importante uma pessoa de confiança dele ter apresentado ela, né? Além disso, ter tempo para desenvolver as relações também é importante para cultivar essa confiança. E no caso do Frank, o outro antropólogo, como foi?

Hugo: Pois é.. É.. o Frank ele veio dos Estados Unidos. Ele estava acompanhando os movimentos ali há alguns meses junto com outros líderes de movimento que ele conhecia, de professores, militantes e tal. E.. o Frank tinha 4 anos pra fazer a pesquisa dele e recurso financeiro bem maior do que da Meryl pra poder trabalhar por esse tempo todo né, 4 anos, ele se organizou bastante também. Aos poucos o Frank ele foi recrutando uma equipe de pesquisadores né, que são sete, todos os pesquisadores recebem [...] pra realizar os trabalhos em cada campo e além disso, eles estão sempre auxiliando no que podem: ajudando interlocutores que passassem por alguma dificuldade financeira, ajudando com algum material de construção, doando mantimentos né, dando aulas de inglês, contribuindo de diversas formas. E aí, por fim, a pesquisa do Frank resultou num livro, numa tese ou algo assim, sabe? É bem diferente de um filme.

Luísa: É diferente de um filme, né? Um livro não tem uma midiatização tão grande a princípio e parece menos perigosos do que um filme. Se um filme as pessoas assimilam muito mais rápido, ele também chama muito mais atenção do que um livro. E, prum movimento de ocupa que precisa de certa discricção pra dar certo, pode ser perigoso.

Hugo: É! Com certeza, pois é! E o tempo também ele é bem importante né. Foi aos poucos que eu fui entendendo como é que a Meryl e o Frank faziam Antropologia. Depois os dois começaram a trabalhar juntos, né, em outros projetos e enfim. É.. foi observando eles trabalharem, foi passando por tanta coisa com eles, foi aproximando as coisas que eu lia no meu curso e via acontecendo ali no, na ocupação. Que eu fui vendo como a Antropologia realmente acontecia. É... pra mim ela não ficava só lá na UFF, mas continuava dentro da minha casa..

Luísa: Você foi interlocutor e virou antropólogo, respondeu pergunta e também perguntou um bocado.

Hugo: Isso mesmo. (risos) E também fui entendendo né, a nossa área percebendo o lado humano desses pesquisadores, sabe? Vendo que não sabiam tudo, que eles erravam, que tiveram dificuldades

para cumprir a agenda de pesquisa, como no caso da Meryl com o seu filme e tantas outras situações inusitadas que o campo nos proporciona. Eu me lembro de outra história também, nesse sentido, né. (risos) Uma noite, uns dois anos depois que já tava lá no prédio e tal, tudo normal, alguém começou a socar o portão que era de ferro e faz o maior barulhão né. A pessoa gritava alguma coisa, a gente não conseguia escutar direito e tal e o barulho dos murros no portão era muito alto, era um escandalo e aí o Frank, ele tava lá com a gente né, passando um tempo né, morando lá com a gente nessa época, e ele veio correndo pra nossa casa que é de frente pra rua, mas não dá pra ver o portão. Ele tava mais pálido do que ele já é né e perguntou o que tava acontecendo, meu pai logo, meu pai é meio apavorado, disse que “ah, é a polícia”. Aí o Frank ficou mais pálido ainda, todo mundo tava com medo, mas aí a minha mãe disse “calma, a gente não sabe, não dá pra ver daqui” mas o meu pai tava lá insistindo que era polícia e o Frank sumindo de tão branco. A reação dele ali me chamou muita atenção porque eu sempre vi ele como alguém muito calmo e que sempre tinha tudo bem preparado: as entrevistas, as conversas, sempre atento a tudo que acontecia pra sua pesquisa; mas ali não, ali era como se eu realmente visse quem era o Frank que não era antropólogo, um Frank que pela primeira vez eu sabia que não tava fazendo pesquisa, era ele só como gente mesmo. E nunca sabemos direito né quando um pesquisador ta ou não fazendo pesquisa, porque eles vivem com a gente, tão sempre ali fazendo coisa do dia a dia. Aquela noite, foi um divisor de águas pra eu decidir o que eu queria pesquisar: antropólogos!

FECHAMENTO

Música de fechamento: “Quem canta” (instrumental, ritmo alegre e descontraído, trazendo sentimento de leveza).

Luísa: Bom pessoal, esse foi o primeiro episódio do Mundo na Sala de Aula. Hoje, a gente conheceu vários antropólogos em ação, o Hugo, a Meryl e o Frank, que trabalham sobre o movimento de ocupações no Rio. E a Taniele que trabalha com o Henrique no Complexo da Maré, também no Rio. A ideia é discutir sobre como a Antropologia trabalha e como faz pesquisa, assuntos que muitas vezes a gente precisa entender melhor. É muita teoria, que é muito importante, mas muita coisa a gente só aprende na prática e apresentar nossas experiências é importante pra poder servir de inspiração para outras pessoas que também pesquisam na área. A ideia dessa nova série do Mundaréu é que sejam episódios mais curtos e fáceis de serem usados na sala de aula. E esperamos que, por serem contados por nós que também somos estudantes, consigam chegar mais perto de vocês, nossos colegas.

Hugo: Gostaria de agradecer as professoras Daniela Manica e Soraya Fleischer pela convite de pilotar o primeiro episódio do Mundo na sala de aula. Eu também agradecer a UnB e seu Departamento de antropologia pelo acolhimento aqui em Brasília, a Lucía Eilbaum, professora, minha orientadora lá na UFF; ao Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos, o InEAC e ao Grupo de Estudo e Pesquisa em Antropologia do Direito e das Moralidades dos quais faço parte; ao Mano Teko que tão gentilmente nos permitiu usar a sua música pra embalar o nosso episódio. Pra conhecer mais o trabalho dele vocês podem o segui-lo instagram: @manotekorj, Teko com a letra “K”. Ao Consórcio Andifes que permite a estudantes de graduação do Brasil inteiro a possibilidade de intercâmbio entre universidades federais; aos meus interlocutores, aos meus padrinhos Olga e Augusto pelo incentivo e por me ajudarem né a me manter em Brasília, aos meus amigos o Edu, a Yasmin, a Luiza, o Wilber (?) por sempre me apoiarem nas minhas loucuras e claro também, aos meus pais por serem os melhores que eu poderia ter, sem dúvida. Por serem tão mente aberta e proporcionar a gente né essa experiência tão legal que é o contato com a antropologia.

Luísa: Eu queria agradecer a toda a equipe do Mundaréu, da UnB e da UniCamp e a todas as pessoas que tornaram esse projeto possível...

Hugo: Eu também queria dedicar esse episódio a um grande amigo meu e da minha família. Ao antropólogo John Burdick, que faleceu no início desse mês... Ele foi uma pessoa muito importante durante a minha trajetória até agora na antropologia e eu queria fazer essa singela homenagem a ele.

Luísa: Foi muito legal saber mais de você, da UFF e da sua pesquisa, Hugo. Quem quiser conhecer mais do Mundaréu, é só visitar o site: <https://mundareu.labor.unicamp.br/>. Falou, gente, até o próximo episódio do “Mundo na sala de aula”!

Hugo: Valeu, Luísa, te agradeço pela companhia aqui comigo! Abraço para todo mundo, gente, um beijo!

Materiais Extras

- Lattes Hugo Virgílio
- Etnoquê? Introdução a Etnografia
- Lutas Pela Moradia No Centro Da Cidade
- União Nacional Pela Moradia Popular
- Projeto Habitação Popular Quilombo da Gamboa
- Instituto de Estudos Comparados de Administração de Conflitos (InEAC)/UFF
- Consórcio Andifes
- Filme “O outro Rio” de Émile B. Guérette
- Música: “Quilombo, Favela, Rua” de Mano Teko (@manotekorj)

Textos que podem dialogar com este episódio:

- o VIRGILIO, Hugo. “Um estranho no ninho: o corpo dos antropólogos e seus efeitos no trabalho de campo”. XIII Reunião de Antropologia do Mercosul. 2019
- o RIBEIRO, F.; COELHO, K.; PATRIARCA, L.; BRAZ, P. Dossiê Adversidades no fazer antropológico – Parte I. Cadernos de Campo (São Paulo 1991), v. 26, n. 1, 2017.
- o RIBEIRO, F.; COELHO, K.; PATRIARCA, L.; BRAZ, P. Dossiê Adversidades no fazer antropológico – Parte II. Cadernos de Campo (São Paulo 1991), v. 27, n. 1, 2018.
- o BONETTI, Aline; FLEISCHER, Soraya. Entre Saias Justas e Jogos de Cintura. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.
- o Mundaréu #4: Iona, luta e andorinhas. Apresentadoras: Daniela Manica e Soraya Fleischer. Convidados: Irineu Pereira e Nashieli Rangel. Campinas: LABJOR, Abril, 2020. Podcast. Acesso em: 07/08/2020
- o Cirandeiras #15: pandemia nas ocupações. Apresentadoras: Joana Suarez e aquel Baster. Convidada: Maura Rodrigues. 2020. Podcast. Acesso em: 07/08/2020

Expediente

Apresentação: Hugo Virgílio e Luisa Nascimento

Produção: Hugo Virgílio, Luisa Nascimento e Soraya Fleischer

Montagem e edição do roteiro: Hugo Virgílio, Soraya Fleischer e Daniela Manica

Montagem e edição do episódio: Hugo Virgílio e Lucas Linardi Carrasco

Autorizações para as músicas: Mano Teko – @manotekorj

Conteúdo do sítio eletrônico: Hugo Virgílio e Soraya Fleischer

Divulgação: Milena Peres e equipe do Mundaréu